

## DA NECESSIDADE DO DIABO \*

(Imaginário social e cotidiano no Brasil do século XVIII)

José Roberto do Amaral Lapa

(Centro de Memória — UNICAMP)

"Governar é fazer crer".

Maquiavel

"E a realidade só interessa  
se iluminada pela imaginação, para  
recompôr a verdade que esconde".

Fernando Sabino

Adverta-se desde logo que o título não pretende insinuar uma discussão filosófica, tampouco colocar em dúvida qualquer moral religiosa, mesmo porque o autor ao encontrar um *Livro de Visitação*, verificou certas coincidências que o convenceram de que não é bom facilitar...

Considerem-se portanto mais como observações descontraídas de um historiador que está tentando conhecer e entender qual era a do Satã. Nem bem dizer o diabo do diabo, nem bem assegurar que aconteceu o diabo por aquelas bandas do Pará!

Uma abordagem que pretende ser científica, portanto sem envolver-se com os

mistérios da fé e dos dogmas religiosos, sem dúvida mais cômodos para explicar o que aparentemente não tem explicação.

Não nos consideramos especialistas no tema da Inquisição. O fato de termos publicado um dos *Livros das Visitações* que se realizaram no Brasil, já teve a sua história contada e por ela se vê que afinal não nos qualificariamos para figurar naquela privilegiada categoria de estudiosos.

Este trabalho centrou-se basicamente em duas fontes o *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará* e os respectivos processos, ainda inéditos, que dizem respeito às pessoas tratadas nos episódios aqui referenciados<sup>1</sup>. Complementamos essas fontes para obter uma visão de conjunto com alguns textos especializados sobre aparições em outros locais e em outros tempos.

O conteúdo dos processos é bastante rico e tirante as partes em que foram obedecidos os ritos processuais, que são as mesmas para todas as pessoas, temos então

\* Uma primeira versão deste texto foi apresentada no I Congresso Internacional e Luso-Brasileiro sobre a Inquisição, São Paulo 19 a 22 de maio de 1987.

1. José Roberto do Amaral Lapa (Texto Inédito e Apresentação de), *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará 1763-1769*, "Coleção História Brasileira", Petrópolis, Editora Vozes, 1978, v. 1º.

a história de cada um e do respectivo delito confessado ou denunciado, ao que se acresce também o envolvimento de um número grande de outras pessoas, que apenas citadas como testemunhas no *Livro*, foram posteriormente chamadas à Mesa da Visitação para prestarem depoimentos.

Constam também desses processos — naqueles que naturalmente comportavam essas partes informativas — meticulosa genealogia do implicado, as sentenças proferidas pela Mesa da Visitação e outras diversas informações de interesse, além de alguns depoimentos insertos nos processos contrariarem a versão registrada no *Livro de Confissões e Denúncias*.

Infelizmente, pelo que nos foi dado examinar até agora, esses processos do Pará não trazem o inventário do interessado, não estando nesse caso apenas o processo de uma índia. Também curioso é que encontramos processos de várias pessoas do Pará, no mesmo período da Visitação, cujos nomes não constam do Livro. Duas hipóteses: são pessoas que por algum motivo, embora passíveis de serem envolvidas pela Visitação, não o foram. É a menos provável. Por outro lado, pensar que houve casos que escaparam ao registro do Notário no Livro não é de todo descartável, embora também não saibamos por que motivo. De qualquer maneira, só a atenta leitura desses processos poderá talvez ajudar a esclarecer-nos porque ficaram apartados<sup>2</sup>.

O diabo era um personagem histórico curtido ou temido pela sociedade paraense. Invocado ou esconjurado. Familiar e íntimo a ponto de participar de pactos e cópulas infernais, auxiliar na vida ou na morte, identificado, nomeado, corporificado em estranhas formas, está presente nas páginas do *Livro da Visitação* como talvez nenhuma outra personagem, incluindo Deus!

Uma entidade maligna que para uns podia até fazer o bem pelo mal, pois é em si próprio o mal, mas que na verdade presta relevantes serviços no atendimento de dificuldades prosaicas ou transcendentais, satisfazendo desejos, atraindo os amigos e repelindo os inimigos. Quanto à sua eficiência é geralmente inquestionável, pois dela depende o grau de credibilidade que se persegue, embora no fabulário popular procure-se muitas vezes relativizar esses poderes, reduzindo e até ridicularizando<sup>3</sup>.

Mas, qual é o mal que estimula ou pratica? Para quem recorre a essa prática, justamente busca algo que lhe vai muitas vezes fazer o bem, isto é, atender às necessidades físicas ou mentais, oferecer bem-estar, segurança e poder.

Mas, insistamos um pouco com a idéia que persegue a identificação ou não do Bem com o Mal.

O Diabo pode ser identificado de maneira genérica com certas transgressões da ordem natural e/ou social, quando a quebra ou ruptura significam a redução ou eliminação da segurança, do prazer, do poder, da liberdade de cada um e de todos. Mas também pode ser apontado como o responsável pela produção do sofrimento físico e mental, da dor.

Coloca-se então a necessidade da representação da causa ou do próprio mal.

Essa identificação do mal é dinâmica, o que significa dizer que independe da moral religiosa, de conjunturas e estilos de vida, consciência individual ou coletiva, ação e omissão podem corresponder ao bem, sendo entretanto a transgressão de normas naturais e/ou sociais supostamente voltadas para o bem.

Mas, o Diabo como temos visto não se resume em ser o mal, pois o que pode

ser o mal para um será o bem para outro. Pode ser o recurso que ultrapassa o bem, quando este não responde, não é encontrado ou não se identifica, pode ainda ser o mal pelo bem, isto é, a prática considerada um *mal* para atingir o que é considerado um bem para o próprio agente, que entretanto poder-se-á ver inexoravelmente preso à fatalidade que promovendo o bem para si estará causando o mal para outrem ou para alguma coisa, o que ocorre invariavelmente, quando se rompe um equilíbrio que emana da própria natureza como um todo.

Haveria a prática do mal pelo mal? Claro que sim; em circunstâncias as mais diversas conscientemente pratica-se o mal, embora se saiba que com isso vai-se alcançar o mal, assim definido pela moral cristã por exemplo, ou por uma questão de foro íntimo. Neste caso pode ser uma simples passagem (travessia), mas e também pode apresentar-se como um mal definitivo que se persegue, cujo exemplo melhor é o suicídio, interpretado no caso como cessação do que aflige o suicida (que no caso poder-se-ia apontar como a busca em colocar termo a uma situação desconfortante e que ainda pode envolver a expectativa de atingir-se um novo estado que se identifica com o

bem). Entretanto, por outro lado, pode-se admitir que o suicida não se apresente com essa expectativa, mas sim acreditando que conscientemente nada de bom ou de melhor acontecerá, mas mesmo assim se suicida.

"Eu sou Jahweh e não há  
nenhum outro... Eu formo a luz e  
crio as trevas, asseguro  
o bem-estar e crio a desgraça.  
Sim, eu, Jahweh, faço tudo isso".

Antigo Testamento — Is. 45, 5-7

Os preconceitos morais podem gerar os juízos de valor que identificam o bem e o mal. E aqueles, é possível até que tenham sido gerados pelos dominadores que apontando, condenando e eliminando o que podia ameaçar-lhes o bem-estar, a segurança, o poder e o enriquecimento, identificavam o mal que estava inerente ao outro, o dominado.

Esta tese com que Nietzsche especula quem primeiro identificou-se com o Bem como oposição ao Mal, tem um percurso inverso que não coube em sua reflexão. Para o vencido o mal está no vencedor! Elementar, meu caro Nietzsche.

2. Laura de Mello e Souza aponta documentos relativos à Visitação do Grão-Pará, que não teríamos aproveitado em nossa publicação, supostamente por desconhecê-los. Realmente, se se tratam de trechos do próprio Livro, que deste estavam apartados e portanto não no local que o encontramos na Torre do Tombo — esse parece ser o caso do "Sumário" apontado na nota 7, na página 159 e o registrado na nota 534, página 170 — não tivemos entretanto a ventura de encontrá-los. Isso é possível, pois na verdade no exemplar do Livro que encontramos não havia o Termo de Encerramento, que supostamente deveria figurar na última folha, a 109, que está em branco (J.R. Amaral Lapa, *op. cit.* Capítulo I — "A Visita Oculta", p. 20). Por outro lado, não nos ficou claro, em primeiro lugar, se não são documentos que não fazem parte do texto principal — confissões e denúncias — do referido livro, o que evidentemente não estava em nosso propósito publicar. Nesse caso, se por ventura estão inseridos nos processos que se formaram a partir de cada envolvido pela Visitação, então é possível que estejam nos referidos processos, que em número de 46, microfilmamos após exaustiva pesquisa naquele arquivo português e estão todos em nosso poder. Talvez, seja este o caso do que vem apontado nas notas 58, 81, 84 do III capítulo. Não há portanto razão em cobrar-nos como fez na nota 52 (p. 288) desconhecimento de processos e dos antecedentes da Visitação (Laura de Mello e Souza, *O diabo e a Terra de Santa Cruz*, São Paulo, Companhia das Letras, 1986).
3. Carlos Roberto Figueiredo Nogueira, "Demonismo, malícia e malefício - Contribuições à História do imaginário mágico-religioso no Brasil" in *Revista de História* n° 117, USP, São Paulo, jul/dez., 1984.
4. Friedrich Nietzsche, *Genealogia da Moral*. São Paulo, Brasiliense, 1967.

Os conceitos do mal e do bem são assim engendrados e associados a partir de quem o pratica ou o observa, entre os seres animados e a própria natureza. Seria mais sensato, em vez de cerrarmos as portas do paraíso aos ricos, ouvirmos muitas vezes a voz do nosso egocentrismo — o ego como a matriz geradora dos nossos sentimentos e ações — que marca a condição humana. Se quisermos refinar nossa análise diríamos com os filósofos e teólogos que há que distinguir o *mal moral* do *mal natural*<sup>5</sup>.

Dessa realidade nasce a verificação, também simples, de que afinal o próprio diabo que é a encarnação do mal — no mais alto grau numa escala de valores — pode com a mesma eficiência ser invocado e usado ou se quiserem, apresentar-se ou ser concebido como um mal necessário, isto é, capaz de fazer o bem (sic!) ou até simplesmente ser o próprio bem!

O leitor que ainda não foi tentado por um bocejo, nesta altura do texto, deve antes de assumir qualquer repugnância por esse perigoso sofismar, convir de que afinal não nos assiste — a este historiador que vos escreve — outro propósito senão o de humildemente curvar-se à vontade dos deuses ou resistir impávido à solércia dos demônios. Caso contrário poderíamos estar sendo considerados como ser-objeto que está atribuindo a Deus a concepção do Diabo. Realmente seria o fim. Mas, em verdade vos digo, que mesmo aí não estamos propondo algo de novo, mas repetindo assertivas que o Antigo Testamento prega mais de uma vez, com sua sabedoria bíblica.

Foi esta sensação que nos levou a hesitar, não mais que um momento, entre as palavras *necessidade* ou *utilidade* no título deste trabalho.

Mas, voltando à sociedade paraense do século XVIII, desde logo verifica-se como o Mofento torna-se íntimo daquela

boa gente, aparecendo não só quando é chamado, circulando pela sala, pelos corredores e pelo quintal.

Não é quieto, emite sons e grunhidos que podem até lembrar um relincho, mas que se atente para o detalhe: em tom bem mais baixo do que o do animal. Atende em português ou abanheém, mas a sua língua preferida parece ser mesmo o latim. Quanto à sua linguagem, às vezes é incompreensível, incluindo desenhos e sinais gráficos, outras como diríamos hoje em dia, é clara, concisa e objetiva... As rezas exigem geralmente ritos do interlocutor, movimentos — coreográficos ou não — concentração ou imobilidade. Deve-se rezar, por exemplo, com as mãos em baixo do braço<sup>6</sup>.

Recebe hoje em dia nomes e apelidos, nos quais decisivamente não se pode identificar esteticamente o belo, quer quando vêm associados a animais (*bicho-preto*, *cão tihoso*, *porco sujo*) quer quando se atenta para seus detalhes físicos (*beijudo*, *coxo*, *mal-encarado*, *rabudo*) pondo-se em dúvida sua saúde e higiene (*sarnento*) para concluir-se que afinal é mesmo uma *coisa-ruim*, o que não impede todavia, em aparições mais raras, de enformar-se ou até aformosear-se para os nossos padrões, mas é claro que nestes casos ninguém vai nomeá-lo com carinho, realçando a sua suposta beleza!

Não sendo versado em demonologia e tampouco curvando-se à primeira tentativa, o autor bastante perspicaz aliás, notou que por trás dessas aparências horripilantes ou por causa delas mesmo, esconde-se uma entidade que dá força aos desesperançados e carentes, aos céticos e desconfiados, sem qualquer tipo de discriminação. Assim é possível surpreender o trivial, o anônimo, o esconso no confronto dos litigantes ou na cópula dos amantes (a rima não é intencional).

Esse *ser* pode assumir ser assim a resposta que o imaginário dá — do ponto de vista dos oprimidos — a partir da vontade individual e/ou coletiva, para aliviar as suas tensões, violências, conflitos, satisfazendo necessidades físicas e mentais. Mas, a sua atuação coloca em xeque a legitimação do poder constituído, quando então se estabelece a relação de forças no interior e no domínio do imaginário.

Há um cruzamento dialético entre a prática exconjuratória e punitiva da Inquisição e o apelo — consciente ou não — dos agentes para negociar com o diabo. Em ambos os extremos, o diabo se faz necessário e portanto tem utilidade.

O maniqueísmo implícito constrói fatalmente dentro de seus princípios antagônicos — o confronto entre o bem absoluto (Deus) e o mal absoluto (Diabo) — diferentes níveis que expressam a nossa *necessidade* de engendrar o demônio.

A partir daí não é difícil proceder a um exercício de raciocínio que nos permite entender a *necessidade* do demônio que certas religiões têm e a de todas as religiões em configurar e identificar o mal também de forma física ou transcendental, para legitimar-se tecendo a sua doutrina e proselitismo, o que não deixa também de acontecer com os agentes, os grupos, as classes e até os povos. Com os que encontram a sua própria subsistência no relacionamento com o diabo, com os místicos e os sacrílegos. Entretanto, registre-se que desde tempos imemoriais a idéia do Mal não só não se definia como podia confundir-se com o Bem,

sendo que no caso dos hebreus parece ir-se consubstanciando a partir sobretudo do seu contacto com outros povos, quando então passam a atribuir os seus males à ação dos deuses inimigos, que são identificados como demônios<sup>7</sup>.

A necessidade do diabo nasce portanto da necessidade do mal e isto fica claro nas páginas do Novo Testamento. A iminência do mal é que pode nos fazer reagir em busca do bem.

Respeitáveis demonólogos concluem pela reciprocidade, na qual não existe o Bem sem o Mal, cuja sustentação teológica explica a origem, o desempenho, as vitórias e as derrotas, conferindo certa lógica aos eventos e movimentos, atingindo da ataraxia à desgraça.

Na verdade, esse permanente embate traz inerente a si também a expectativa de que a vitória final caberá ao Bem, sem o que naturalmente desestruturar-se-ia a sua idéia e prática. Essa colocação vem desde antigos filósofos cristãos, encontrando certo eco na psicologia, quando defende a necessidade em atingirmos nossa plenitude, única forma de eliminação do mal.

No caso da origem, a ordem implica sua subversão, daí o imaginário conferir a Asmodeu a condição de primeiro subversivo.

Em sendo, conforme o Cristianismo, a própria transgressão da ordem, que estaria portanto no gênese, o Diabo é assim

4. Friedrich Nietzsche, *Genealogia da Moral*, São Paulo, Brasiliense, 1987.

5. John A. Sanford, *Mal — o lado sombrio da realidade*, S. Paulo, Ed. Paulinas, 1988.

6. Laura de Mello e Souza, *op. cit.*, p. 365.

7. Carlos Roberto F. Nogueira, *O diabo no imaginário cristão*, pp. 7/16.

legitimado como um instrumento político por excelência que o imaginário coloca ao alcance dos homens.

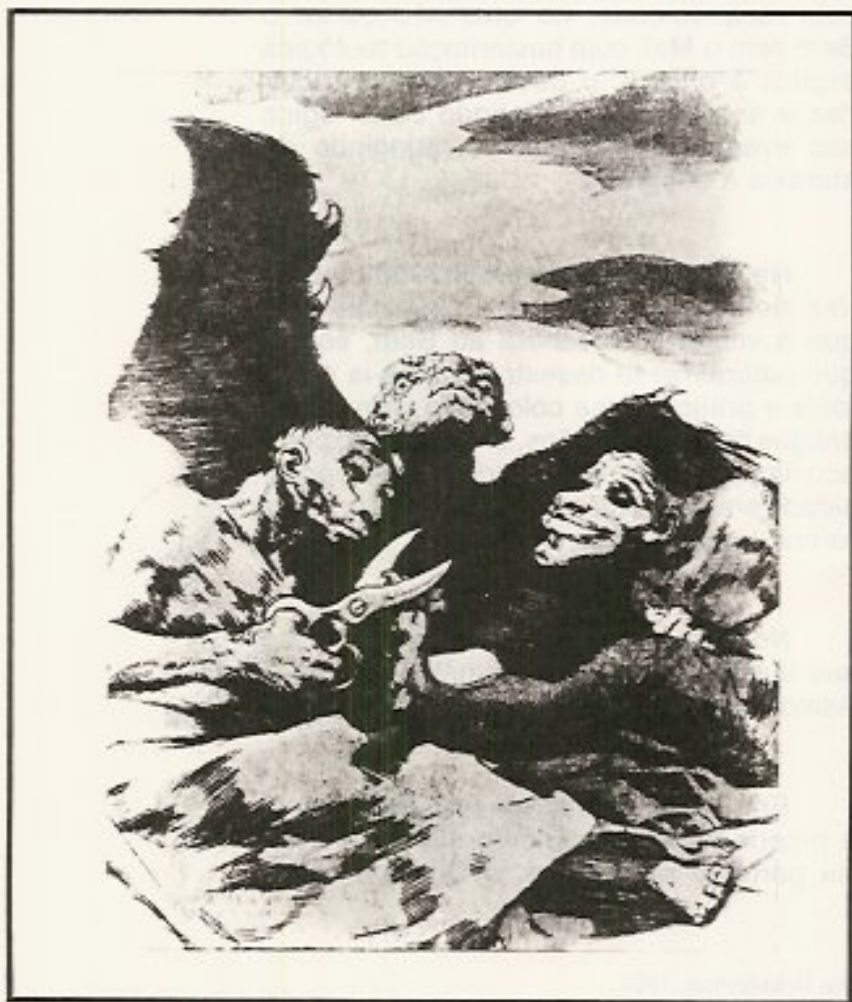
Em outras palavras, queremos dizer que se o imaginário social é um espaço que atuando com componentes como o inconsciente e a libido permite tecer um sistema de controle e manipulação da sociedade, por outro lado, é no mesmo local que também se torna possível o agente oprimido estrategiar o seu sistema de *mecanismos de defesa* contra as agressões do opressor. Ai é que entra o Diabo, mas é ai também que entra a Inquisição que

sabe de tudo, que arroga a si o poder de ler a mente e punir os vivos e os mortos!

Está ao nosso alcance no relacionamento com o ser maligno transformar este mundo num *Vale de Lágrimas* ou num *paraíso terreal*, antecipando o que poderá vir depois. A fabricação do diabo responde assim a interesses de diferentes ordens, justifica a mobilização de recursos, o recrutamento de vocações. Atende o interesse religioso em nele identificar o mal ou a causa dos males que se abatem sobre os homens, o que estes podem aceitar ou repelir, desde que podem não identificar, necessariamente, o mal com o demônio e reconhecer que este pode praticar o bem que desejam. É claro que nesta última colocação contrariam-se os dogmas cristãos, pois o que pode significar o bem para o homem pode ser o mal para a religião. O Diabo não é invencível. Deus confere ao homem a capacidade de vencê-lo e a igreja ensina como. O passaporte para o paraíso traz imanente a tentação. Mas, o que importa é que o desfecho decisivo é sempre postergado, justamente para tornar possível a militância da religião e a sua própria existência.

Realmente, seria inconcebível eliminar a encarnação das forças do mal, não identificar a aparente causa dos infortúnios que se abatem sobre cada um e sobre todos. Haveria um desequilíbrio social caótico, pois como não seria possível erradicar a desgraça, a aparente falta de sentido para sua ocorrência e a não detecção de suas causas levaria à insuportável tensão.

Dessa maneira, paradoxalmente à aparição do demônio e seus humanos sequazes, permite ao imaginário cumprir funções sociais de reequilíbrio emocional ou alívio de tensões. Presta-se tanto a uma terapia individual e social, quanto a uma teratogenia que pode levar ao pânico. Em outras palavras, não se pode esperar coerência em



Ah, a vanglória do diabo! Como qualquer ser humano, neste quadro de Goya, refestelam-se em fazer as unhas (fazem-se bonitos!).

assuntos dessa natureza, mas há de se convir com a possibilidade de uma ação psicoterápica que se atribui ao Capeta, mas que nem por isso deixa de atrair a repressão e condenação religiosas, pois fere as suas verdades dogmáticas.

“Não existe nada que  
seja bom ou mal. É o pensamento  
que o torna assim”.

William Shakespeare,  
*Hamlet, Príncipe da Dinamarca*

A realidade social e a natureza que nos são propostas pesam sobre nós como se fossem imensas e pesadas redes de pescar, onde nos são permitidos muitos movimentos, mas não todos os movimentos, quando somos incitados ou constrangidos a conviver com muitas pessoas, mas não com todas as pessoas, onde se sabe que tudo virá a terminar, mas não sabemos quando.

Essas limitações e pressões do real podem ser contornadas, suavizadas ou disfarçadas. E para tanto pode aparentemente não haver limites. Para a inquisição nem a morte faz cessar a imputabilidade do agente.

As nossas privações e dores, nossos desejos e paixões, frustrações e ódios podem conduzir a uma solução oferecida pelo imaginário. Dado que este supostamente poderia não ter limites nem racionalidade em relação ao real, que nessas circunstâncias só deveria cessar com a morte, torna-

se desde logo facilmente perceptível a importância que tem, no caso que estudamos, para a Igreja e o Estado, órgãos disciplinadores, apurar as práticas, as técnicas de persuasão — físicas ou mentais — para poder manejar, controlar, monopolizar e reprimir o imaginário, isto é, suas representações e símbolos que podem significar poderes, juízos de valor e intoleráveis transgressões ou em outras palavras: a liberdade. As estruturas de dominação impõem regras e limites aos sistemas simbólicos vigentes naquele contexto. Em outras palavras, assume ser o Demo, para o imaginário, a alternativa contestatória ao sistema. Há naturalmente riscos, que não são pequenos, leves ou poucos, mas que não inibem os agentes rebeldes. Desenvolve-se aí uma adstração capaz de dar as condições para o enfrentamento dos problemas.

O diabo assume um espaço e uma frequência excepcionais no imaginário por inúmeros motivos, isto é, um *ser que não é*, algo ou uma *coisa*, um gênio do mal que podia fazer o *bem*, mediante sempre uma contrapartida, mas com respostas geralmente imediatas<sup>8</sup>. Nos casos que examinamos, entre o pedido ou invocação, os procedimentos ritualizados (orações e frases, gestos, movimentos e objetos) resultavam em atendimento praticamente incontinenti. Não há propriamente um efeito catártico, há um pedido e a resposta, que se constroem no imaginário reproduzindo-se numa linguagem que permite, com certa frequência e pequenas diferenças, aos agentes sentirem, verem e experimentarem aparições.

8. Creditando ou desacreditando, na verdade é possível admitir que em princípio o diabo deve responder — na frequência ou não que é invocado — a crises e tensões sociais no primeiro caso, e a estabilidade e tranquilidade no segundo.

Entre outros motivos, essa alternância explicaria as oscilações registradas num espaço de dois anos, em reportagens feitas respectivamente em 1985 no Brasil, quando se constatava “Cai a cotação do diabo entre os paulistanos” (cf. Folha de São Paulo de 27/01/1985 e Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 145, fasc. 177, p. 174, março de 1985), e em 1987 nos Estados Unidos, onde afirmava o jornalista “O diabo está solto” — “Em todo o mundo cresce assustadoramente a popularidade das seitas satânicas” (cf. Manchete n.º 1515, pp. 36/45).

Assim, de um lado a presença e atuação da religião é encarada pelo indivíduo e pela comunidade como uma agressão ao seu cotidiano. A idéia que dela se tem não leva necessariamente à violência contra o que pode ser considerado fanatismo religioso, mas permite a contestação.

Nesse sentido, tem portanto o imaginário funções como: mobilizar recursos, atrair solidariedade, incorporar energias, identificar os inimigos, afugentar temores ou efetivar esperanças, corrigir disfunções orgânicas ou simplesmente provocar relaxações, pois há os que assumem o objetivo de simples deboche para o ato.

Se a frase de Maquiavel — “Governar é fazer crer” — identifica a força do imaginário social, vê-se desde logo o alcance da Inquisição ao pretender dominar esse imaginário, sua difusão, reprodução e manipulação.

Por outro lado, através de relações conflituosas ou de integração, o concreto real e o ilusório fazem parte de um conjunto, como dissemos, não podendo ser apartados. Aceita esta premissa, torna-se mais fácil conceber que fantasia e realidade tenham algo que ver e que a religião seja uma expressão simbólica do real-social<sup>9</sup>.

Não nos preocupa, embora reconheçamos ser uma questão fundamental, explorar a noção de *imaginário social* a partir da transcendência que lhe confere Cornelius Castoriadis, ao apontar a “realidade” e a “racionalidade” como seus produtos. Entretanto, registre-se que a idéia com que trabalhamos a respeito do processo que produz e das funções que cumprem as *aparições* vai além do que poderia ser simplesmente reconhecido como a *imagem de*<sup>10</sup>.

A Inquisição — porta-voz da religião católica — define sob que condições a

alma podia salvar-se, condições que não podiam evidentemente ameaçar sua “verdade”, mas e também não atentavam contra as estruturas econômico-sociais, elaborando sua própria identidade, a distribuição dos papéis dos agentes através de uma crença que devia ser universal ou senão a única em seus domínios.

Mas, se o imaginário cumpria essas funções era exatamente no seu espaço que emergia a subversão representada pelo *Espírito das Trevas*. Estabelecia-se então um confronto, no qual as armas eram o medo, a intimidação, o suplício, a indução, a persuasão.

Os personagens destes episódios são reais, qualquer semelhança com a ficção, é mera coincidência.

Embora contendo-se em nível exploratório, descrevemos e fazemos reflexões sobre alguns flagrantes de uma cidade com 9 mil a 10 mil habitantes, que durante mais de seis anos vivencia um Visitador enviado pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, acabando por direta ou indiretamente envolver parte significativa de sua população, ainda que apenas 485 pessoas sejam citadas no Livro. É que um grande número de testemunhas são arroladas nos processos, sem que seus depoimentos apareçam no Livro.

Durante esse tempo é possível admitir o clima de desconfiança, insegurança e impotência que acaba por generalizar-se produzindo relações marcadas pelo pânico, falsidade, atos de malquistar que marcam as denúncias e até as confissões.

Dada a demora da Visita, verifica-se aparentemente que a tensão e as inquietações dos primeiros meses ou mesmo anos



foi cedendo lugar a certo aprendizado de convivência que levou os envolvidos supostamente a contemporizar e ceder, o que daria em resultados menos paixões e radicalismos, tanto da mesa inquisitorial quanto dos confitentes, denunciados e denunciantes. Um certo relaxamento dos que puniam e/ou dos que procuravam safar-se ou atenuar as punições.

Como boa parte das denúncias e confissões não se referem a ocorrências que se deram durante o tempo da Visitação, fica difícil concluir que o pânico de então tivesse gerado a fantasmagoria, a não ser de maneira indireta nos casos em que o depoimento vale-se da memória. O que queremos dizer é que o clima de tensões que o terrorismo cultural da Visitação com certeza gerou, poderia ter exacerbado o imaginário — ou este àquele — e a partir daí o recurso ao demônio justificar-se de maneira mais generalizada, o que pode corroborar que alguns demonólogos considerem o século XVIII como o tempo por excelência de aparições demoníacas.

Entretanto, registre-se que as ocorrências que motivam confissões e denúncias, ouvidas pelo Visitador do Pará, são datadas com geral imprecisão, sempre num cálculo aproximado, que pode significar um recurso para alegação do depoente ou presunção do inquisidor sobre as limitações da memória, o que por sua vez poderia resultar num tratamento mais brando para o delito.

Nos 46 casos relatados, como naturalmente o Visitador pretende apurar com rigor o dia, mês, ano e hora do sucesso, levamos a acreditar que esses dados são relevantes para caracterizar o delito, no sentido da veracidade do depoimento.

Num primeiro momento, temos a impressão que para os interlocutores a memória funciona como revivescimento do passado que emerge tal como se deu, por inteiro, e não numa concepção moderna que a aceita como o refazimento, a reorganização das imagens, a representação do passado. Nesse caso, a imaginação assume ser a reorganização de experiências passadas frente às experiências do momento, trabalhando ambas — memória e imaginação — como o irreal, mas fazendo do real de *certo real* o seu produto.

Entretanto, as duas baterias de admoestações e perguntas de praxe que são feitas ao depoente mostram que tanto este quanto o inquisidor reconhecem que a memória está sujeita ao *instinto* que pode permitir a reprodução do fato e à *inteligência* que pode reelaborá-lo. Assim, por exemplo, no final de cada seção (auto), uma vez terminada a descrição do fato, as perguntas sempre somente feitas ao audiente (é claro que este não as pode fazer, o que inclusive poderia contribuir para esclarecer suas dúvidas) são acauteladoras no sentido de conferir isenção ao depoimento. Justifica-se portanto a preocupação do detalhamento, tanto de quem ouve, quanto de quem fala.

Em outras palavras, a presunção pode ser convergente, isto é, o inquisidor espera ouvir o que deseja, enquanto o audiente (todos pedem *audiência* para poderem ser recebidos pelo Visitador) pretende dizer o que supõe que o inquisidor quer ouvir. Nesse caso, a memória coloca-se como a conservação de certo passado que para ambos precisa ser exorcizado.

Assim, é mais apropriado que as lembranças trazidas à audiência sirvam aos

9. Bronislaw Baczko, "Imaginação social" in *Enciclopédia Einaudi, Anthropos-Hoem*, Lisboa, Imprensa Nacional — casa da Moeda, 1985, 5.º v.

10. Cornelius Castoriadis, *A instituição imaginária da sociedade*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 13.

propósitos de cada um: o confitente arrependido, o delator vingativo, o inquisidor nos seus terrificantes momentos de penetração ou cepticismo.

A memória é o espaço onde o imaginário compõe a mediação dessas expectativas sob constrangimentos e tensões.

São muito poucos os que se lembram de certas informações, na verdade apenas dois chegam a citar o dia, justamente por estar muito próximo do seu comparecimento à mesa da Visitação.

No mais, temos 13 eventos que se deram há mais de dez anos da Visitação, sendo três por volta de 30 anos; seis casos entre cinco e dez anos; 24 até quatro anos antes.

Uma ou outra vez alguém se lembra que era por exemplo um dia de quaresma ou "Não Estacerto nodia mas foi antes dode São João Baptista". As horas que talvez podiam não significar uma precisão da memória têm maior probabilidade de serem evocadas, ainda que muitos digam simplesmente não se lembrar ou omitam essa informação, sendo que em grande parte dos casos valem-se de vagas expressões, que não variam muito como "foi de Manhaã", "serião nouehoras", "pellas outo pera asnohoras damanhã", "Serião horas de meia noute" e vai por aí.

Mas, à parte aquela lenta distensão, que ocorre ao longo do período da visita, pretendemos explorar certas práticas, sobre as quais as informações contidas no Livro da Visitação, bem como nos processos dos envolvidos permitem adentrar a intimidade de alcovas ou cenas em logradouros públicos, conhecendo o comportamento palaciano e os sofrimentos na prisão, o que se passava na cidade e no meio rural, a circulação das pessoas na cidade, na região e na colônia. A função de recintos como varanda,

alpendre, quartos, cozinha e quintal, o desenho urbano da cidade podem ser reconstituídos em detalhes, identificando ruas, praças e edifícios, por onde se agitam os personagens que resolvemos que sejam ouvidos, ainda que muitas vezes o que disseram se destinasse só aos seus botões ou ao seu umbigo.

As denúncias e confissões são tratadas pela Mesa com a cautela de sempre: verificar por exemplo se o envolvido não estava bêbado; "doido ou desassisado" ou se "hehomem bementendido ESezudo Eeestava Emseuprefeito juízo Eentendimento", conferindo com isso portanto legitimidade ao fato e aos seus personagens que eram de bons costumes. Bastava a crença e essa confluência entre o real e o imaginário, para ser portanto passível de sanções.

Se a Inquisição busca reprimir e controlar o imaginário social que a contesta e ameaça, as perguntas em questão tornam-se bastante pertinentes, particularmente quanto à insanidade mental, ainda que se releve também ser o agente um sabedor (*bem entendido* na frase deve ter essa significação e não querer dizer *sem dúvida*, como poderia ser lida hoje) ou ter gravidade (sisudo), o que faz supor a chacota como circunstância atenuante (geralmente a pessoa diz que cometeu o delito sem malícia, só para zombar de fulano ou sicrano e não dos sacramentos ou da fé) ou agravante.

Por outro lado, no rol dessas circunstâncias temos ainda a alegação de ignorância quanto à natureza e implicações do delito ou de ter uma noção vaga a respeito. Ter a convicção de estar servindo a Deus, quando na verdade o faz ao diabo. Só aos loucos seria preservada a intatibilidade e inconseqüência do seu pensamento, do que aliás os mortos não conseguiam escapar... O Novo Testamento considera os



loucos possesos do demônio, o que pode significar que não possuindo a razão, aos endemoninhados mesmo praticando os delitos que pertencem à Inquisição, não se lhes podem punir. Evidentemente, que nem por isso se exime o orate do confinamento e castigos pelas suas transgressões à ordem social, para as quais as instituições disciplinadoras reservam as normas próprias, mesmo porque a loucura coloca em perigo a unidade entre o corpo e a alma<sup>11</sup>, o que de certa maneira nos faz também voltar ao sentido daquelas perguntas do Inquisidor.

Esta comunicação tem por objetivo registrar e glosar as aparições desses avantesmas: o cenário e as circunstâncias, o personagem e sua "materialização", os

participes e pactuantes, seus colóquios, gestos e movimentos.

Dito isto, comecemos por tentar descrever o nosso Protagonista.

O chamado imaginário social tem no caso do diabo uma convergência de origens que partem tanto do real, quanto do irreal, o que significa dizer que a ilusão, o sonho, a alucinação, o delírio, o simbólico e a alegoria são fantásticas criações que adejam ou se cruzam ou mesmo se integram com as formas cotidianas e prosaicas que a vida produz. Assim o estado de coisas que precisa ser descrito é desconhecido em sua extensão e por isso mesmo a fala que o descreve e a cena descrita estão impregnados de símbolos que entram em

11. Bronislaw Baczko, *op. cit.*, p. 303.

simbiose com o trivial. Nesse sentido, o discurso que se constrói para o inquisidor tanto pode usar a realidade e/ou a fantasia, geralmente objetivando incorporar circunstâncias atenuantes ao ocorrido e significar a suposta compunção do agente e o que é mais provável conferir ao relato o tom fantástico que envolve as coisas do demônio e ele próprio. Por outro lado, tanto fantasiar como representar o real podem significar justamente a tentativa — consciente ou inconsciente — de convencer ou convencer-se do ocorrido.

Se o demônio pode estar além da representação do real na criação individual, que acaba por se incorporar à tradição, ou se com Jung fizemos o percurso inverso nas duas dimensões do inconsciente, teríamos a seqüência do *inconsciente coletivo* e do *inconsciente pessoal* atuando sobre a conduta dos nossos personagens do Norte da Colônia, o seu grau de credibilidade e verossimilhança também implica a metamorfose ou a antropomorfia do concreto, que reservada aos deuses pode servir também aos demônios.

Alguém que tem tanto poder quanto o *Demo*, pode transfigurar-se em formas inusitadas como fazer-se homem ou bicho nas manifestações mais comuns da vida.

Não se trata aqui da tendência de simplesmente reduzir o imaginário a um real deformado através do qual se busca os agentes e as estruturas que o produziram. A pesquisa do *sentido* daquilo que aparentemente não tem sentido identifica a ciência. Entretanto, a investigação do onírico reclama a descrição da aparência, como passo preliminar. Não nos referimos evidentemente a conter-se com uma decifração psicológica e mesmo psicanalítica (interpretação dos sonhos), mas de procurar a vinculação entre o sonho e a existência. O espaço onírico é uma experiência imaginária que pode con-

ter o mundo de cada um e o mundo de todos. Assim, também podemos analisar o imaginário que emerge das confissões e denúncias em exame, considerando-o como expressão daquela época e das instituições que o manipulavam. Na mente e nos atos, a fantasia e o real não estão compartimentados, mas unidos dialeticamente<sup>12</sup>, o que leva à formulação de uma linguagem e de um modo de expressão simbólicos, que viabilizam a transcendentalidade.

Assim, o ato e/ou a função podem condicionar a aparição, mas esta pode aberrar do conhecido ou esperado. Esforcemo-nos, como diz Castoriadis em visualizar como aqueles homens tentam pensar o que fazem e saber o que pensam<sup>13</sup>.

Um negro ou negrinho capaz de proezas sexuais, mas também uma dama generosa que satisfaz o deslumbrado amante. Não há portanto regras que possam estabelecer o sexo ou a natureza de *Satanás*, tampouco se registram casos de androginia, mas por outro lado não há impedimento para práticas homo ou heterossexuais. O imaginário pode responder à conveniência, ao local, aos recursos disponíveis, à hora, ou então simplesmente subverte o bom senso e o racional para responder ao que reclama a realidade. É o terreno onde se pode conseguir trabalhar com o fantástico sem limites e sem que isso comprometa a mediação entre o que crê e o que se apresenta para ser creditado.

Como dissemos, as visões podem ser provocadas ou espontâneas, ter formas indefinidas e evanescentes, apresentando-se terríficas para convencer os circunstantes ou autoconvencer o próprio endemoninhado. Em casos mais raros até transvestir-se numa aura sedutora.

Assim é que no Pará e com certeza em outras áreas da colônia, apresenta-se

o *Arrenegado* em formas animais ou de insetos, específicos ou universais, do peixe-boia a um desajeitado besouro, ou então correspondendo a imemoriais tradições de identificação caprina<sup>12</sup>: de um bode barbado a uma cabra que era parda, até um gato vulgar ou uma gentil borboleta (não se pode imaginar normalmente esse inseto de outras maneiras) que, entretanto como conzinha, tinha olhos muito grandes ou sabia sugar sangue de criancinhas.

A deformação era comumente o artifício de que se valia o imaginário para localizar no homem, no animal ou no inseto a monstruosidade ou o bestiário ligado a *Lúcifer*, quando não em seres espirituais como o anjo São Miguel, vezeiro nos seus exercícios anticristãos.

Mas, por motivos vários, a partir do(s) seu(s) interlocutor(es) ou dos que assistem ou participam do ato de sua aparição, o Espírito Maligno apenas se insinua, não se configura. Assim ocorreu no caso de Manoel Pacheco, tido e havido como quem tinha *amizade e familiaridade* com o demo, bem como com ele fazia comércio<sup>13</sup> e em casos outros como daquele índio feiticeiro (pajé) que com certeza, simulando aparições, levava uma aterrorizada testemunha a afirmar que ouvira e sentira a presença do demônio: primeiro um estrondo no teto da casa, seguindo-se o salto de alguém — “quem quer que foi” — para dentro enquanto tocava maracá. Esse alguém ou essa coisa — “a dita figura, quem quer que era” — continuou fazendo das suas, pois a testemunha insiste que “quem quer que

era” voltou a subir no telhado<sup>14</sup>. No caso, a testemunha tanto pode estar evitando sequer dizer o nome do diabo, quanto ter achado que este apenas se entremostrava, pois chega a afirmar que em meio a um pé de vento percebera que eram quatro os vultos no telhado da casa. Por outro lado, chega a haver um diálogo, uma vez que o índio feiticeiro Domingos de Souza interroga Satanás sobre o que afinal tinha a doente que se procurava curar, ao que “quem quer que era” respondeu prontamente numa língua desconhecida, saindo a seguir com um estrondo pelo teto da casa...<sup>15</sup>

A aura de enigma e temor assume por sua vez maiores proporções quando a imaginação trabalha com o mistério, o desconhecido, o que nunca foi visto. Dessa maneira, é impenetrável à razão humana, intriga e aumenta o perigo.

Em todas as aparições do diabo descritas pelas pessoas que comparecem perante o Visitador, nenhuma se aproxima das características universais com as quais é geralmente identificado o Bruxo do Inferno.

Assim como a literatura, popular e erudita, a iconografia universal, religiosa e profana, é muito rica em retratar a personificação do Mal.

Seria suficiente lembrarmos um exemplo clássico: Francisco Goya em telas que justamente foram pintadas numa fase de crise física e existencial do grande pintor como de crises do próprio contexto histórico em que vivia, nas quais a imaginação

12. Angèle Kremer-Marietti, *Introdução ao pensamento de Michel Foucault*, Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1977, p. 115.

13. Cornelius Castoriadis, *op. cit.*, p. 14.

14. A identificação do bode com o mal é bíblica (cf. Carlos Roberto F. Nogueira, *O Diabo no imaginário cristão*, pp. 7/16).

O porco é outro animal marcado na passagem bíblica, em que Jesus exorciza um possesso, permitindo que a legião de demônios que nele habitavam se transferisse para uma manada de porcos que pastava próximo. O bestiário abriga ainda mais uma dezena de animais.

15. ANTT - Inquisição de Lisboa, Proc. 2697, p. 14.

16. Proc. 12.893 - ANTT - Inquisição de Lisboa, pp. 10 e 19.

17. Proc. 12.893 - ANTT, p. 11.

o leva a elaborar caricaturas antológicas de aparições do demônio<sup>18</sup>.

Nesse sentido, a produção do imaginário é inexaurível, sendo que entretanto certos traços e detalhes são constantes. Grandes nomes das artes religiosa e profana não resistiram à sedução de representar o Anjo Rebelde, como é o caso de Albrecht Dürer, por exemplo.

Essas constantes geralmente procuram transmitir a horribilidade e o mistério de um ser que se apresenta com enormes orelhas pontiagudas, chifres, asas e/ou braços, estes muitas vezes disformes, com longa cauda e patas bifurcadas, sendo negro e coxo. O tronco não se define, meio homem e meio cabra. A arte cristã responde assim aos interesses da religião, representando mesmo que com zombaria, um pavor capaz de persuadir. Assume uma função didática.

Intrigante questão filosófica é a de que no Norte da colônia essas aparições não só costumavam não seguir esses padrões, mas como dissemos, tinham certo toque local. É como se pretendêssemos contrabalançar a máxima popular, reconhecendo afinal que *O Diabo também é brasileiro*. Fica aqui uma convincente sugestão aos nossos governantes de como podem explicar os males que nos atormentam.

Mas, condição social, quadro e estilo de vida, símbolos e sinais emergem nessas versões tropicais que habitam as páginas dos Livros de Visitações. A transposição do personagem do imaginário europeu para o colonial brasileiro sofre uma reelaboração que afeta a forma e o fundo<sup>19</sup>.

A idéia que liga o *Príncipe das Trevas* à escuridão, que naturalmente lembra a fealdade e o mistério, não é indefectível, pois são palavras de bruxa que asseguram que na aparição "A claridade é maior do que a da lua, e muito menor do que a do sol, mas de intensidade bastante para que todas as coisas sejam vistas e reconheci-

das"<sup>20</sup>. A associação entre o diabo e a claridade não é despropositada. Lúcifer significa "o portador da luz". Em todo caso, há os heliófobos que só funcionam nas trevas e têm medo da luz como têm medo da cruz.

Assim também as aparições do Pará, bem como os atos envolvendo feitiçaria costumavam ocorrer no período da manhã, ao contrário do que se poderia supor, isto é, que a noite fosse o espaço de tempo preferido ou propício ao *Jurupari*.

O Capeta tanto aparecia solitário, quanto em séquito, no qual pelos formatos ou poder, passa-nos às vezes a idéia de certa hierarquização<sup>21</sup>. Entretanto, apesar de contar com hostes adestradas e fiéis, dependendo das circunstâncias, não dispensa o adjutório de homens e mulheres que lhe permitem agir por tabela, ter mediadores a seu serviço.

Age à sorrelfa, mas pode preferir o estardalhaço, quando não se faz acompanhar até de um *fundo musical*, mas sempre se denunciando pela indefectível catinga de bode que o acompanha. Quando lhe dá na veneta surpreende a todos apresentando-se furta-cor. Um barato!

Uma vez invocado, atende por nomes esquisitos como *Sorro, Orotto, Sato, Sarato* e outros.

A austeridade sexual que se remonta ao mundo greco-romano e tem raízes médico-filosóficas como apontou Foucault, a qual a moral cristã recuperará estabelecendo rigoroso controle para os prazeres, envolveu o sexo e os atos sexuais como espaço predileto do *Maldito*.

O casamento e a procriação, aliás a procriação no casamento são as únicas condições que legitimam o prazer, cuja reciprocidade é o ideal perseguido, fora dos seus códigos é do domínio satânico. Em outras palavras, a rigidez da moral e da teologia cristã proibem o prazer sexual

até mesmo dentro do casamento, se não destinar-se à multiplicação da espécie. Esta verdade é até hoje proclamada sem maiores compromissos com a ciência e a sociedade, o que torna a educação religiosa católica possível de pretender a representação de um mundo a que não corresponde.

Assim e por isso a demonologia encontra pasto no ato sexual ou melhor nos prazeres sexuais. É onde o imaginário labora com mais requinte. "O ideal teológico de Deus assexuado e do sexo pecado exigia logicamente sua contrapartida do Diabo sexualizado e do sexo diabólico"<sup>22</sup>.

É dito e sabido que o *Excomungado* é incorrigível ganhão, capaz de gerar monstros em meio de quase sempre dolorosos exercícios sexuais, onde o sofrimento e o gozo se integram, colocando algo de felino no ato. Sobre o *Deflorador de donzelas*, os depoimentos vêm encharcados pela coprologia mais atrevida que em vez de acautelar os ingênuos, parece mais seduzi-los...

Pode até revestir-se com certas formalidades, mas também pode quebrar todos os códigos. Se a Virgem Maria deu à luz o Filho Unigênito, sem deixar de ser virgem, no imaginário não tem nada de extraordinário que o *Inimigo* gerasse outros monstros, sem que para tanto tivesse testículos, como convém!

Chega a casar-se com o pactuante, não importante o sexo, indo para a cama

como todo bom amante, isso desde que estivesse como homem, de cujo desempenho parece ninguém se queixava, antes pelo contrário, chegaram até nós depoimentos insuspeitos de ditosas mulheres que se fartaram com os atributos sexuais da Coisa, embora registre-se a temperatura fria de sua carne! Mas, conforme a velha crença popular, assume ser *incubo* (demônio masculino), aproximando-se do leito da escolhida para despertar-lhe ou simplesmente propor pesadelos na coreografia de acidentada cópula ou ainda *súcubo* (demônio feminino), desde que o coito seja com um homem.

Assim, não lhe custa o papel ativo ou passivo, com metamorfoses durante um mesmo ato, mas de qualquer maneira o prazer é partilhado com a dor, marcado pelo sangue das fricções, pelo mal-estar, pelos incômodos e desconfortos em determinados locais do corpo durante e depois do coito.

Se o ato sexual praticado com o diabo é geralmente doloroso, por que então o fazer?

Possivelmente levado pela irresistível tentação, que se envolve com o medo, a curiosidade ou o próprio compromisso dos pactuantes e as promessas do *Degenerado*.

Desde que o diabo, como já discutimos, é heterossexual, podendo ainda ser homossexual e lésbica, liberal, atuando ativa ou passivamente, os depoimentos são mais

18. Jean Adhemar, "Les caprices de Goya", *Bibliothèque Adine des Arts*, Paris, Fernand Asan, 1951, 10º v.

19. Carlos Roberto Figueiredo Nogueira, *op.cit.*, p. 55.

20. O antropólogo Luiz Mott vem estudando sistematicamente a vida sexual na colônia, tendo já publicado, entre outros trabalhos, "Etnodemonologia: aspectos da vida sexual do Diabo num mundo ibero-americano" (séculos XVI ao XVIII), in *Religião e Sociedade*, São Paulo, out/1985, v. 12, nº 2.

21. Na verdade, a literatura demonológica não apenas refere-se à existência de legiões infernais (anjos maus) como propõe intermináveis classificações que tomam em consideração a natureza, as funções, a especialidade em excitar para determinadas práticas consideradas pecaminosas etc. Nessa direção, a partir das escrituras e de simples deduções não são poucas as propostas de matematização de demônios, que para nosso tormento elevar-se-ia a 133.306.668 ou precisamente um terço dos anjos que se revoltaram (Carlos Roberto Nogueira, *op.cit.*, p. 61).

22. Luiz Mott, *op.cit.*, p. 70

severos no julgamento da performance com o súcubo (mulher)<sup>23</sup>.

Órgãos sexuais ásperos e frios, por isso mesmo difícil de ser penetrado, mais cansativo, exigindo maior esforço, com os vasos — prepósteros e pósteros — mais apertados, com dores e desconfortos. Uma estopada!<sup>24</sup>

Se mais não fosse, o *Maligno* deixava esperma frio... o que coroa o orgasmo com a sensorialidade de que só os demônios são capazes.

Verifica-se, mais uma vez, o imaginário tomando (criando) o real e interpretando à sua maneira, isto é, pequenos acidentes de percurso que podem ocorrer em atos sexuais de qualquer natureza são considerados ou sentidos como arte do Sarnento!

A composição que o imaginário tece e que naturalmente depende das funções que tem na vida social não hesita só em trabalhar com o fantástico, mas e também para torná-lo admissível irracionaliza o real: dizer que é pau onde é pedra e senti-lo como tal, do que se pode depreender que a suposta racionalidade do real é um produto também do imaginário social, e aqui estamos com Castoriadis.

Assim, não se deve estranhar que o esperma do *Espirito Impuro* não tivesse a temperatura normal do corpo num momento de excitação ou aparecessem estranhas dores e sensações no ato e depois, que normalmente podem até ocorrer com frequência, por causas físicas e/ou psíquicas, facilmente detectáveis.

Dai, é um pulo para que a excitação de uma resposta natural da mente e do corpo — o tesão — possa ser encarada como ato diabólico, que deve ser inibido, pois fatalmente pode levar ao prazer e ao pecado, dos quais se nutre o *Mofento*.

Este, é sedutor e insinuante, sabe bem o que atrai os corpos e vontades, sérios

candidatos à alma penada. Era só oferecer, por exemplo, vinho e passas ou saber ensinar as suas próprias rezas, quando não adular orações católicas, para infalivelmente ganhar aquela deslumbrada alma, que no momento estava apenas interessada em “conseguir huma Certa Mulher Cazada, Eou Viuva” confessando que com “Comefeito as ueyo aconSeguir Assentando Comsigo que histo lheSucedera por Uirtude dasditas palauras Eacçoens”. Como se vê um preço alto, ainda que a prazo ou para um futuro incerto, custavam as conquistas amorosas entre aquela boa gente do Grão-Pará.

Mas, o *Mal-encarado* não trabalha de graça, como dissemos, cobra pelos seus serviços e não deixa até de formalizar esse contrato de trabalho — é o chamado *pacto com o demônio* — cujo preço é nada mais nada menos do que a alma do recorrente. Não faz por menos. Perante a Inquisição, esse pacto configura de maneira irremediável a sujeição, caracterizando o delito e determinando a pena, daí os interrogatórios inquisitoriais pretenderem sempre obter de qualquer maneira a confissão ou denúncia do sinistro arrego.

Pode-se até presumir que o pactuante não acreditando na existência da alma, oferece-a no contrato, para assim embaixar *Satã*... Mas, se está conforme a sua fé, aceita o sofrimento eterno em benefício do prazer ou da cessação imediata da privação, da dor etc. Neste caso pode-se também admitir que houvesse a expectativa do arrependimento e perdão por parte de Deus, ficando tudo numa boa...

E, a sua morada?

Ah, o inferno, fica sempre embaixo da terra, quando muito se concede às profundezas do mar (“demônio marinho”), mas de qualquer maneira sempre profundo, nunca em cima, ainda que se admita que também possa viver no ar, às vezes incorpóreos e invisíveis, mas sempre capazes de deslocar-se com incrível velocidade.



Não escolhe o sítio para suas aparições, como bem registrou um antropólogo, que inclusive teve a curiosidade de visitar o local do crime<sup>25</sup>. Mas atentai para o fato que às vezes se torna assíduo de certos logradouros.

Não esconde sua antropofagia, a sua fome não é só de almas, mas de carne mesmo e carne humana, quase sempre acompanhada de uma beberagem: sangue sem dúvida, especialmente de feridas ou então de certas partes do corpo, como costela, barriga, pernas e pé. O seu paladar não rejeitava inclusive as partes pudendas

de infelizes parceiros, deglutidas com indistinto farçável gula.

Às vezes até permite ou exige de seus interlocutores participarem de suas iguarias, mas que ninguém se engane, que não haverá propriamente uma confraternização ou igualdade entre os pactuantes. Ao *Tinioso* é sempre reservado ser servido como senhor e deus e ao parvo suplicante fica assegurado ser escravo, amigo e discípulo. Faria portanto todas as suas vontades, consagraria sua amizade de maneira incondicional e aprenderia e agiria conforme por ele lhe fosse ordenado.

#### BIBLIOGRAFIA

- GUEIROS, José Alberto. *O diabo sem preconceitos*, Rio de Janeiro, Ed. Monterrey, 1974.
- FOUCAULT, Michel. "O cuidado de si" in *História da Sexualidade*, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1985, v. III.
- MAFFESOLI, Michel. *A sombra de Dionísio*. Contribuição a uma sociologia da orgia, Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1985.
- ARIÉS, Philippe e BÉJIN, André (org.). *Sexualidades ocidentais*, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- VAINFAS, Ronaldo (org.). *História e sexualidade no Brasil*, Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- CUVILLIER, Armand. *Pequeno vocabulário da língua filosófica*, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1961.
- DORIN, E.. *Dicionário de Psicologia*, São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1978.
- NAZÁRIO, Luiz. "O diabo e seu papel social" in *Folha de São Paulo*, Folhetim São Paulo, n.º 530, 03-04-1987.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. "Exorcismos e demônios" in *Folha de São Paulo*, Folhetim São Paulo, n.º 530, 03-04-1987.
- ROMANO, Roberto. "A mulher e a desrazão ocidental" in *Folha de São Paulo*, Folhetim São Paulo, n.º 530, 03-04-1987.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O diabo no imaginário cristão*, S. Paulo, Ed. Ática, 1986.
- LIMA, Lana Lage da Gama (org.). *Mulheres, adúlteros e padres*, Rio de Janeiro, Ed. dois Pontos, 1987.
- SANFORD, John A. *Mal — o lado sombrio da realidade*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1988.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

22. Luiz Mott, *op.cit.*, p. 70.

23. O Prof. Luiz Mott encontrou em suas pesquisas o diabo também como homossexual e lésbica. Sobre a ética sexual recente do Vaticano convido o leitor a um texto leve e inteligente de Hélio Pellegrino, *A burrice do demônio*, Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1988, pp. 26-29.

24. *Ibid.*, pp. 75 e 76.

25. *Ibid.*, p. 79.

\* Agradeço a Jorge Coli a indicação dos quadros que compõem a iconografia do texto.

